

**Escola étnica:** uma experiência que integra tecnologia e diversidade  
Dayene Ferreira dos Santos

**Como citar:** SANTOS, D. F. Escola étnica: uma experiência que integra tecnologia e diversidade. *In* : GARCIA, D. N. M.; ALEXANDRE FILHO, P.; SANT'ANNA, D. V.; SANTOS, D. C. (org.). **Educação e tecnologias:** práticas em cenários disruptivos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 25-44. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-321-2.p25-44>.



# ESCOLA ÉTNICA: uma experiência que integra tecnologia e diversidade

*Dayene Ferreira dos SANTOS<sup>1</sup>*

## **Introdução**

O convívio em sociedade requer formas diferentes e inovadoras de expressar o pensamento humano e busca reunir múltiplos olhares na tentativa de solucionar problemas. Há uma exigência de que a sociedade assimile e crie diversos conhecimentos para lidar com fatos e fenômenos cotidianos, logo, é esperado que a educação possibilite o acesso a esses conhecimentos que podem ser validados na incorporação às práticas sociais (TOMAZ; DAVID, 2017). Desse modo, é imprescindível a participação e autonomia dos estudantes no processo de aprendizagem, uma vez que a própria aprendizagem é uma ação social e, portanto, faz-se necessário que sejam incorporadas diferentes perspectivas sobre um mesmo problema a fim de solucioná-lo ou, ao menos, compreendê-lo.

Na tentativa de entender a realidade e seus fenômenos, elaboramos um projeto interdisciplinar para conhecer e divulgar os saberes diversificados que contribuem para a construção histórica, social e identitária do nosso país. Discutimos problemas e inquietações sobre diferentes realidades que compõem a sociedade brasileira, tais como

---

<sup>1</sup>Doutoranda em Educação / PPGE / Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP – campus de Marília/SP / *e-mail*: dayene.santos@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-321-2.p25-44>

indígena, rural e africana. Ressaltamos que houve participação dos membros de gestão escolar ao permitir e fornecer subsídios necessários para sua realização.

Partindo destes dados, espera-se desenvolver as capacidades e habilidades de aceitação, compreensão e empatia ao próximo por meio de pesquisas e produções diversas sobre as diferentes realidades e culturas regionais e nacionais, de modo a difundir e enaltecer os conhecimentos científicos e as produções de saberes de diferentes povos. Desse modo, buscam-se destacar as relações de povos indígenas, africanos e rurais a partir do desenvolvimento histórico-social da região e do país e, ao mesmo tempo, relacionar os conteúdos das Ciências aprendidos na escola com os conhecimentos produzidos por povos de outras culturas, utilizando-se de ferramentas tecnológicas para a elaboração e divulgação das produções específicas.

A questão norteadora do projeto investiga se "a participação em um projeto integrador interdisciplinar promove aos estudantes uma valorização e conscientização sobre a diversidade e importância de saberes desenvolvidos por diferentes comunidades para a formação da sociedade brasileira?". Buscamos responder à questão adotando uma metodologia de projeto que incentive a autonomia dos estudantes quanto ao desenvolvimento de pesquisas e integre o uso de diferentes tecnologias para divulgação e produção.

O estudo das Relações Étnicas na escola e nas Ciências aponta que educar não é somente apresentar problemas contextualizados ou recortes de uma realidade distante como pauta de curiosidade, uma vez que a contextualização depende de fatores vivenciais do grupo e estes nem sempre são os do educador; também não é apenas dar exemplos para motivação, pois a própria realidade que nos envolve gera expectativas na

busca de soluções; e tampouco é tratar apenas do cotidiano, pois as relações sociais exigem bem mais que isso, mas é promover uma educação ampla, igualitária, justa e plural.

Embora previsto em Lei (10.639 e 11.645), ainda há muito o que ser trabalhado e executado nas escolas sobre a História e Cultura Afrobrasileira e Indígena e também sobre a comunidade rural. Uma alternativa para tratar desses temas em sala de aula é a aplicação de um projeto interdisciplinar que promova a autonomia dos estudantes (POMBO *et al.*, 1994) e discuta as temáticas que envolvam os saberes indígenas, rurais e africanos.

Entretanto, embora haja uma multiplicidade de fatores sociais, econômicos e culturais que podem ser tratados em trabalhos interdisciplinares como uma possível solução para integrar as disciplinas que são incapazes de compreender a realidade isoladamente, ainda há uma ideia fragmentada do conhecimento no contexto escolar em que os chamados trabalhos “interdisciplinares” se limitam à escolha de um tema central que é discutido nas aulas de cada disciplina sem relacionar os conteúdos desenvolvidos em cada aula (TOMAZ; DAVID, 2017). Para evitar esse tratamento dos trabalhos interdisciplinares, é necessário promover encontros para discussão e relação dos conteúdos vistos em aula, desse modo, os estudantes podem assimilar as ideias apresentadas e compreendê-las nos contextos apresentados ou vivenciados.

Buscando integrar as diferentes disciplinas e os conteúdos tratados durante o projeto, reunimos as produções em um *site* e realizamos encontros dos estudantes de forma *on-line* em redes sociais para apresentar os trabalhos de cada grupo. A seguir, iniciamos com uma apresentação do referencial teórico que respalda as práticas de sua aplicação, além de

reforçar sobre a necessidade de trabalhos que envolvam as temáticas apresentadas.

### **Por Uma Educação Igualitária e Diversificada**

Nesta seção, descrevemos os pressupostos da construção e apropriação do conhecimento, bem como discutimos sobre a necessidade de pesquisas e trabalhos escolares voltados para as questões étnico - raciais.

#### *O conhecimento étnico-racial e a escola*

No tocante aos temas levantados para o encaminhamento do projeto, destaca-se que, embora haja legislação determinando a obrigação do ensino das relações étnico - raciais na escola, “a realidade das práticas sociais e escolares ainda é marcada por discriminação, preconceito e exclusão educacional” (BRASIL, 2012, p. 30). Pinheiro *et al.* (2008) revelam que não é possível desvincular a desigualdade social brasileira da desigualdade racial e que precisamos desenvolver atividades que discutam sobre estes temas, propondo reflexões para promoção de práticas de combate às desigualdades, pois “reconhecer a existência do racismo na sociedade e na escola é condição indispensável para se arquitetar um projeto novo de Educação que possibilite a inserção social e o desenvolvimento igualitário dos indivíduos” (BRASIL, 2012, p. 30).

Esse reconhecimento se forma em duas dimensões: a primeira implica em identificar a existência de preconceitos enraizados, de racismo estrutural e da discriminação racial que exigem um esforço coletivo e individual de reflexão contínua, de práticas inclusivas e da busca por conhecimento para erradicar essa dimensão (BRASIL, 2012). A segunda dimensão desenvolve a percepção da necessidade de uma releitura histórica

de forma crítica, identificando as contribuições das comunidades africanas e indígenas na construção do conhecimento, no desenvolvimento humano, reconhecendo, respeitando e valorizando outros diversos processos civilizatórios que não se relacionam aos padrões eurocêntricos como, por exemplo, as práticas de cultivo dos habitantes das zonas rurais brasileiras herdadas de diferentes etnias ou da mesclagem de culturas.

Na escola, podem ser trabalhados temas sobre as culturas e formação histórico-política da sociedade brasileira. Contudo, não se deve limitar aos cumprimentos da Lei 9.394/1996 que supera a inclusão de novos conteúdos, pois é necessário que “se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da Educação oferecida pelas escolas” (BRASIL, 2004, p. 17).

Políticas podem ser implantadas nas instituições escolares por meio de projetos e incentivos aos estudos étnicos e diversificados, propor o contato com conhecimentos não eurocêntricos, promovendo a inserção de saberes diversificados e compreendendo a sociedade que engloba a escola.

A escola precisa entender a importância dessa temática para a transformação da realidade brasileira e de suas desigualdades. Porém, outros segmentos também podem colaborar para isso. As agências de fomento de pesquisa podem incentivar mais pesquisas nessa área, buscar mais investimentos para cursos de formação de professores dessa temática e incrementar intercâmbios intelectuais Brasil-África e, internamente, com os povos indígenas. Os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB's), com suas pesquisas, podem permitir a realização de mais encontros para veiculação desse tema e lutar por superar os

guetos acadêmicos ao trazer a temática étnico-racial para o protagonismo acadêmico. Por fim, o movimento negro e o movimento indígena podem dialogar cada vez mais para a articulação dos debates que visem implementar as já citadas leis 10.639/2003 e 11.645/2008. (SILVA, 2021, p. 146).

O reconhecimento e a reparação são condições necessárias para a promoção da igualdade racial e valorizam as contribuições dos povos africanos e indígenas no processo de constituição da identidade brasileira (BRASIL, 2012). Uma alternativa para o desenvolvimento dessas temáticas em sala de aula é a implementação de projetos interdisciplinares que integrem e relacionem esses temas à realidade dos estudantes de modo a promover autonomia, empatia e mobilizar conhecimentos para discutir sobre perspectivas diferentes do mesmo assunto.

D'Ambrosio (2013) argumenta que o desafio da educação é apresentar os conhecimentos que serão utilizados no futuro e que devemos pressupor que tais conhecimentos são resultados de um acúmulo de saberes, tradições e teorias que conectam o passado ao presente e nos levam ao futuro. Para manter o elo entre a teoria e a prática, o passado e o presente, precisamos realizar pesquisas, de modo que os pressupostos da teoria e da prática não se desvinculem e promovam um ciclo de investigações para aprofundar o conhecimento. Em uma ação interdisciplinar, concordamos que há uma necessidade em pesquisar sobre os diferentes pontos de vista do mesmo tema a fim de compreendê-lo de modo amplo.

Os esforços dos indivíduos, bem como de diferentes sociedades para encontrar respostas aos fenômenos que nos cercam são reconhecidos e originaram diversos modos de comunicação, variadas religiões, artes e

tradições aos quais denominamos conhecimentos. Assim, deve-se buscar formas de lidar *com* e conviver com a realidade, de modo a naturalizar os mais diversos aspectos sociais, históricos e culturais (D'AMBROSIO, 2018).

Como enfatiza D'Ambrosio (2018, p. 50) o que chamamos de conhecimento, na verdade, “é resultado de um longo processo cumulativo, onde se identificam estágios, naturalmente não dicotômicos, entre si, quando se dão a geração, a organização intelectual, a organização social e a difusão do conhecimento”. Essa percepção foi buscada na realização do projeto por meio das produções dos estudantes de modo que percebessem que o conhecimento é uma construção atrelada às dimensões histórico-social e político-cultural.

### *O conhecimento interdisciplinar*

Projetos interdisciplinares visam intensas trocas entre as áreas do conhecimento. “O horizonte epistemológico deve ser o campo unitário do conhecimento, a negação e a superação das fronteiras disciplinares, a interação propriamente dita” (FRANCISCHET, 2005, p. 3). Nesse sentido, a aprendizagem é um processo contínuo e constante mediante o tratamento de uma temática comum às disciplinas. Os temas elencados são trabalhados sob diferentes perspectivas, mas sempre com um objetivo comum. Em um projeto interdisciplinar

[...] é dada importância ao caráter teórico - prático; registram-se e efetivam-se as experiências vividas no cotidiano da sala de aula; faz revisão e releitura crítica de aspectos retidos na memória; trabalha em parceria como necessidade de troca e de consolidação do conhecimento; o ambiente de trabalho transgride todas as regras de



controle costumeiro; respeita o modo de ser de cada um e o caminho que cada um busca para sua autonomia; surge de alguém que já desenvolvia a atitude interdisciplinar, contamina os outros. (FRANSCICHET, 2005, p. 8).

Os projetos interdisciplinares promovem discussões e autonomia surgindo como alternativas para tratar dos estudos étnico-raciais, uma vez que “o ensino por projetos também pode contribuir para esse processo, com as relações étnico-raciais como uma temática a ser vista pela ótica da trans/multi/interdisciplinaridade” (SILVA, 2021, p. 144). Há uma necessidade de implementar projetos que tratem de temas como este para superar as tentativas superficiais executadas nas escolas. Silva (2021) afirma que a

educação antirracista está em sintonia com a transformação das relações sociais, mas também está intimamente ligada com o desenvolvimento integral do ser humano, assim como de cidadania, para que nossas crianças venham a ser adultos conscientes de sua responsabilidade em prol de um mundo mais igualitário e para o respeito na vivência com os outros, com sadias relações étnico-raciais. Nesse sentido, é uma educação que se entende libertária. Portanto, não pode ser apenas voltada para datas comemorativas, com conteúdos tradicionais, como por vezes acontece. (SILVA, 2021, p. 145).

Com esse olhar, desenvolvemos o projeto interdisciplinar como uma alternativa para revelar e discutir essas contribuições, promovendo a autonomia dos estudantes e possibilitando que conheçam e compreendam como se formou a sociedade em que se inserem. Enfatizamos a importância de reconhecer tais contribuições dos povos indígenas, comunidades rurais

e africanos para a construção da identidade da região em que se localiza a escola, tratando com respeito às diferentes culturas, tradições e saberes.

Aliada à tecnologia, a realização do projeto foi possível graças às ferramentas digitais e às possibilidades de encontro entre os envolvidos de diferentes localidades em um mesmo espaço virtual. Além disso, a promoção de recursos digitais despertou o interesse dos estudantes que descobriram e revelaram habilidades tecnológicas durante suas produções. Discutimos sobre a tecnologia e o ensino na seção seguinte.

### *O conhecimento tecnológico*

O século XXI traz novas preocupações e, conseqüentemente, novas soluções atreladas às tecnologias cada vez mais avançadas. A sociedade contemporânea desenvolveu habilidades inerentes ao uso das tecnologias, logo, há uma crescente necessidade de apreender os recursos tecnológicos e inseri-los como facilitadores das ações do cotidiano (BORBA; PENTEADO, 2017). Nesse sentido, não poderia ser diferente com a escola, uma vez que é formadora dos sujeitos dessa nova era, logo, precisaria estar em harmonia com as demandas atuais.

As novas metodologias de ensino têm discutido sobre o uso da tecnologia e ações pedagógicas que utilizem recursos digitais e midiáticos (MORAN *et al.*, 2007). Entretanto, há necessidade de adaptação das escolas, em especial, na aquisição desses recursos bem como na formação continuada de seu corpo docente para que o uso das tecnologias seja eficiente e aprofundado. Como enfatizam Borba e Penteado (2017),

uma questão central para a entrada das novas mídias na escola está relacionada com o professor. Já há sinais evidentes, tanto na educação

básica quanto na própria educação em nível universitário, que, se o professor não tiver espaço para refletir sobre as mudanças que acarretam a presença da informática nos coletivos pensantes, eles tenderão a não utilizar essas mídias, ou a utilizá-las de maneira superficial, domesticando, portanto, essa nova mídia. (BORBA; PENTEADO, 2017, p. 88-89).

Prado (2005) afirma que é preciso compreender sobre as implicações do uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, o docente pode ser capaz de integrar a tecnologia à prática pedagógica e evitar a instrumentalização da mesma. Além disso, o professor deve atuar como mediador para indicar aplicações dos recursos tecnológicos aos seus estudantes, de maneira a promover a autonomia digital, entendida como uma comunicação pessoal ou colaborativa entre docentes e discentes utilizando os diferentes recursos tecnológicos para fins de aprendizagem (MORAN, 2014). Com esse objetivo,

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. (MORAN *et al.*, 2007, p. 29).

A incorporação de tecnologias em contextos educacionais pode promover aprendizados por meio de diferentes estímulos. Porto (2006, p. 45) revela que são desenvolvidas “outras maneiras de compreender, de perceber, de sentir, de aprender, em que a afetividade, as relações, a imaginação e os valores não podem deixar de ser considerados”. Essas

aprendizagens auxiliam nas interações sociais, na participação efetiva das decisões em grupo e na aquisição de novos conhecimentos.

Por esse motivo, realizamos o projeto interdisciplinar que integra o uso de recursos tecnológicos familiares ou não para os estudantes a fim de promover sua autonomia. Os participantes tiveram a oportunidade de conhecer novas ferramentas, aprimorar suas habilidades voltadas para o uso da tecnologia e compartilhar experiências entre seus pares.

Os detalhes do desenvolvimento do projeto estão descritos a seguir.

### **Metodologia**

Para a realização do projeto, optamos por uma pesquisa qualitativa e bibliográfica a fim de adquirir subsídios teóricos que valorizem práticas e metodologias ativas voltadas para discussões sobre estudos étnicos, diversidade e tecnologia. Buscamos autores na Etnomatemática, História Crítica, Psicologia e Filosofia da Educação, além de autores que discutem sobre as Tecnologias na Educação. Nas seções seguintes, apresentamos os referenciais teóricos que respaldam a criação e desenvolvimento do projeto.

O projeto integrador interdisciplinar iniciou-se no mês de janeiro, do ano de 2021, e mobilizou as áreas de Biologia, Filosofia, Geografia, História, Matemática, Química e Sociologia. A escola onde o projeto foi aplicado pertence a uma rede de ensino particular e está localizada na cidade de Embu Guaçu, no interior de São Paulo, e abrange turmas do Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e Ensino Médio. Direcionado para as 5 turmas de Ensino Médio, os estudantes foram divididos em grupos de 3 a 8 integrantes, conforme o gênero de texto a ser produzido. Dentre eles, os grupos escolheram as produções de artigo

científico, criação de perfil em rede social, elaboração de vídeo e *podcast*, além da criação de *site*, que reuniu todas as mais de 50 produções realizadas e que pode ser acessado na Rede Decisão Ética<sup>2</sup>.

O projeto ocorreu em três fases com duração de um trimestre cada, no ano de 2021. Em contexto de pandemia, parte do projeto foi realizado em ensino remoto (de janeiro a julho) e parte na modalidade de ensino híbrido (de agosto a dezembro). A primeira fase reuniu estudos e produções referentes à cultura indígena. A segunda fase destacou produções sobre a comunidade rural brasileira. A terceira fase, realizada pelos docentes, apresentou as contribuições da cultura africana para a formação da identidade brasileira.

O primeiro encontro foi realizado entre os professores por meio de reunião virtual. Em contexto de pandemia, foi acordado que as produções deveriam ser digitais e arquivadas em um *site* a ser construído pelos próprios estudantes. Cada docente ficou responsável pela mediação de uma turma, revezando-se durante o ano, mas foi permitido que os participantes realizassem estudos em qualquer uma das áreas mencionadas anteriormente e que solicitassem auxílio aos 5 professores do projeto.

O período para realização das produções variou de dois a três meses e as entregas foram realizadas no decorrer de uma semana, pois era possível solicitar ajustes, quando necessários. Uma vez que as produções eram entregues, os arquivos gerados eram adicionados ao *site*. Cada trimestre abordou sobre uma temática de diversidade étnica e cultural e os temas foram escolhidos conforme a proximidade da realidade escolar com a comunidade vizinha: a escola está localizada em uma zona rural e a menos de 30km da reserva indígena *Krukutu*. Além disso, as cidades vizinhas têm

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://dayenesantos6.wixsite.com/rededecisaoetnica>.

como principal fonte econômica o turismo ecológico e o artesanato, em especial, produzido por comunidades de artesãos, indígenas e afrodescendentes. Alguns dos estudantes matriculados pertencem a essas comunidades e o projeto surgiu como uma oportunidade de valorizar as tradições de suas famílias.

O primeiro trimestre tratou da comunidade indígena e os estudantes produziram artigos a respeito da medicina indígena, vídeos e *podcasts* sobre o cotidiano de algumas tribos brasileiras, criaram perfis nas redes sociais apresentando informações sobre religião, cotidiano, história e culinária, além do desenvolvimento de um jogo de cartas com personagens do folclore indígena. Todas as produções foram revisadas e inseridas no *site*, mas também contamos com a divulgação de produções de terceiros, a exemplo, um *e-book* sobre jogos étnicos para ensino de Matemática e um jogo sobre a comunidade indígena *Kaxinawá*.

No segundo trimestre, o tema central foi comunidade rural. Por estar localizada em uma zona rural, a escola recebe estudantes que residem em chácaras, sítios e fazendas onde a principal atividade econômica é a agricultura. Desse modo, algumas mídias produzidas contaram com a participação dos próprios estudantes revelando o cotidiano de suas famílias.

As produções desse trimestre contaram com a publicação de um jornal da escola sobre fatos históricos envolvendo a comunidade rural, criação de perfis em redes sociais para expor os problemas sociais e econômicos enfrentados pelos trabalhadores rurais, desenvolvimento de mídias revelando os principais tipos de cultivo e as características da agricultura brasileiras, além da produção de artigos destacando a importância das comunidades rurais para o desenvolvimento econômico

do país e criação de jogos de cartas com fatos históricos de alguns conflitos envolvendo comunidades rurais.

Para o terceiro trimestre, apresentamos para os alunos os saberes herdados da cultura africana, ressaltando a importância de discutir a história da comunidade africana no Brasil. Devido à organização das atividades internas da escola, a parte final do projeto foi realizada pelos próprios docentes com a participação dos estudantes nas aulas das disciplinas envolvidas. Foram abordados temas como medicina africana, religião e filosofia africana, História da África, aspectos sociais e econômicos das comunidades quilombolas brasileiras, geometrias africanas e contribuições de cientistas negros para o desenvolvimento das Ciências no Brasil e no mundo.

A avaliação do projeto foi contínua e cada produção foi avaliada sob uma demanda diferente: as redes sociais e demais multimídias, incluindo o *site*, foram avaliadas considerando aspecto visual e áudio, organização dos conteúdos e fidelidade dos dados; os artigos produzidos foram avaliados quanto à formatação e normas ABNT, ortografia, coerência e coesão, aderência do tema ao texto e utilização de fontes confiáveis; os jogos foram avaliados quanto à apresentação, jogabilidade e aderência do tema ao jogo.

Os estudantes receberam no início do projeto um manual digital sobre cada tipo de produção, os aspectos a serem avaliados e o que deveria ser evitado na escrita, filmagem ou reprodução de imagens. Todas as fontes utilizadas pelos estudantes foram verificadas, os textos foram submetidos aos aplicativos detectores de plágio e aceitos para publicação apenas se apresentassem índice de similaridade menor a 10%. As imagens do *site*, vídeos e imagens de jogos foram retiradas de bancos de mídias gratuitas e licenciadas. A divulgação das produções dos estudantes, incluindo uso de

imagens dos mesmos, foi permitida mediante autorização de responsáveis e da escola.

A integração dos conteúdos ocorreu por meio da divulgação das produções no *site* e encontros com pequenos grupos via redes sociais, além de aulas específicas voltadas para o projeto com a participação de um ou mais docentes correlacionando os temas e as disciplinas. A seguir, revelamos os resultados alcançados com a implementação do projeto.

### **Resultados e Reflexões**

No processo de realização do projeto, os estudantes procuraram os docentes envolvidos para desenvolver suas produções sem comprometer o mantimento de uma postura autônoma quanto às elaborações do projeto. As divisões em grupos e de tarefas foram realizadas pelos próprios estudantes, bem como a escolha dos assuntos a serem destacados nas produções. A autonomia ficou evidente durante o processo de realização do projeto.

Diferentes assuntos foram tratados: medicina indígena, agricultura familiar, conflitos entre povos e de interesses locais, economia rural, implicações do COVID-19 na população indígena, apresentação de jogos indígenas e rurais, conexões da matemática com o cotidiano rural e o indígena, organização política e religiosa de comunidades indígenas, folclore e muitos outros. A escolha livre desses assuntos destaca as possibilidades de relacionar os estudos étnico - raciais com as disciplinas apresentadas na sala de aula.

Foram desenvolvidas mais de 50 produções entre postagens de redes sociais, artigos, jogos, vídeos e *podcast* sobre os temas “cultura



indígena” e “comunidade rural”. Essas produções estão reunidas no *site* construído pelos estudantes sob orientação da professora de Matemática.

Os estudantes revelaram, por meio de depoimentos, que a participação neste projeto, ainda que desafiadora, foi importante para que conhecessem as realidades do país e começassem a refletir sobre as contribuições que esses povos trazem para a identidade brasileira, bem como reconheceram a necessidade de haver mais projetos como este integrando diferentes saberes aos conteúdos estudados na escola. Por mobilizar áreas diversas e tecnologia, uma vez que todas as produções estão no formato digital, a participação efetiva de boa parte dos estudantes não foi um problema do ponto de vista pedagógico, pois todos os grupos se engajaram nas produções e revelaram algumas habilidades nos campos da escrita, gravação de mídias e divulgação de conteúdos.

Os trabalhos desenvolvidos seguiram as normas técnicas propostas inicialmente, com baixos índices de similaridade com textos já publicados anteriormente (menos de 3%), indicando a originalidade dos conteúdos produzidos. As imagens e fontes utilizadas foram consultadas e estão de acordo com as instruções iniciais. Por fim, apresentamos as considerações finais sobre este projeto.

### **Considerações Finais**

O projeto surge como um modelo para demais instituições escolares que anseiam por uma educação igualitária e diversificada. Mostramos que é possível que jovens estudantes se interessem pelos estudos étnico - raciais e desenvolvam produções de forma autônoma e respeitosa, promovendo reflexões acerca desses estudos e das contribuições de diferentes povos na história e formação da identidade brasileira.

Apesar dos desafios e do momento em que o projeto iniciou, em meio à pandemia, os estudantes demonstraram as habilidades esperadas e alguns grupos superaram as expectativas ao produzirem textos e publicações nas redes sociais que provocam os leitores e os convidam a refletir sobre os cenários vividos pelos povos indígenas e a comunidade rural, expondo algumas das dificuldades sociais, econômicas e culturais.

O uso de recursos tecnológicos possibilitou a elaboração desse projeto e promoveu uma intensa comunicação entre as séries envolvidas, pois o compartilhamento das produções e a reunião destas no *site* permitiram que as turmas conhecessem os trabalhos desenvolvidos pelos colegas. As divulgações foram imprescindíveis para o sucesso do projeto e a interação entre a escola e a comunidade local.

A educação de estudos étnico - raciais não é individual e necessita do trabalho conjunto entre as diversas áreas do conhecimento, da gestão escolar e da comunidade local. Reconhecemos que não são todas as instituições escolares que podem realizar projetos como este, mas ressaltamos que toda atividade que promova os estudos étnico - raciais é um bom começo para alcançarmos uma educação igualitária, autônoma, crítica e a favor da diversidade.

## **Referências**

BORBA, M.; PENTEADO, M. **Informática e Educação Matemática**. 5 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRASIL. **Artigo 26 A da LDB**. História e cultura afro-brasileira e indígena. Brasília: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2012.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: Ministério da Educação, 2004.

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática:** da teoria à prática. 23 ed., 1 reimp., Campinas: Papirus, 2013.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática:** elo entre tradições e a modernidade. 5 ed., 3 reimp., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FRANCISCHET, M. **O entendimento da interdisciplinaridade no cotidiano.** UNIOESTE- Cascavel, 2005.

MORAN, J. Autonomia e colaboração em um mundo digital. **Revista Educatrix**, n. 7, Editora Moderna, 2014, p. 52-37.

MORAN, J. *et al.* **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 13 ed. São Paulo: Papirus, 2007.

PINHEIRO, L. *et al.* Retrato das Desigualdades de gênero e raça. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada** – 3. ed. Brasília: Ipea: SPM: UNIFEM, 2008. 36 p.

POMBO, O. *et al.* **A interdisciplinaridade:** reflexão e experiência. 2 ed., Lisboa: ed. Texto, 1994.

PORTO, T. M. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 43-57, jan./abr. 2006.

PRADO, M. E. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. *In*: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação / SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005.

SILVA, K. Metodologia das relações étnico - raciais e educação: algumas reflexões. *In*: **Educação e as Relações Étnico- Raciais**, LOBATO, G. (Org.). Formiga: Editora MultiAtual, 2021.

TOMAZ, V.; DAVID, M. M. **Interdisciplinaridade e aprendizagem da Matemática em sala de aula**. 3 ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

